

PRODUTIVISMO ACADÊMICO: INDICADORES DE UMA ABORDAGEM RELACIONAL

ACADEMIC PRODUCTIVISM: INDICATORS OF A RELATIONAL APPROACH

MATTOS, Hellen Cristina Xavier da Silva.

MORAES, Livia Bocalon Pires de.

FERNANDES, Maria Cristina da Silveira Galan.

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar a contribuição da teoria bourdieusiana ao estudo da temática do produtivismo acadêmico, a partir de uma pesquisa sobre os professores-pesquisadores dos programas de pós-graduação em sociologia e ciências sociais das universidades estaduais paulistas. Para isso, traz um levantamento bibliográfico caracterizando as principais reflexões sobre o tema, e apresenta a proposta metodológica da praxeologia de Pierre Bourdieu, enfocando os conceitos de *habitus*, campo e capital. Baseando-se nos estudos do autor sobre a prática científica, apresenta informações sobre a formação acadêmica dos agentes e elenca os indicadores de capital atuantes no espaço social, destacando as contribuições que a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) pode oferecer à pesquisa. Conclui que a teoria bourdieusiana pode enriquecer muito os estudos sobre o produtivismo acadêmico, ao permitir a compreensão da heterogeneidade de estratégias adotadas em relação às pressões e constrangimentos por uma prática produtivista, que afetam de forma distinta os professores-pesquisadores.

Palavras-chave: Produtivismo acadêmico. Cientistas sociais. Campo acadêmico.

Abstract: The article aims to present the contribution of the Bourdieusian theory to the study of the subject of academic productivism, based on a research on professors-researchers in postgraduate programs in sociology and social sciences at state universities in São Paulo. For this, it brings a bibliographic survey characterizing the main reflections on the theme, and presents the methodological proposal of Pierre Bourdieu's praxeology,

focusing on the concepts of habitus, field and capital. Based on the author's studies on scientific practice, it presents information on the academic training of agents and lists the capital indicators active in the social space, highlighting the contributions that the Multiple Correspondence Analysis (MCA) can offer to the research. It concludes that the Bourdieusian theory can greatly enrich the studies on academic productivism, by allowing the comprehension of the heterogeneity of strategies adopted in relation to the pressures and constraints by a productivist practice, which affect professors-researchers differently.

Key-words: Academic productivism. Social scientists. Academic field.

Introdução

A Reforma do Estado brasileiro, na década de 1990, propiciou a adesão ao modelo da Nova Gestão Pública como forma de regulação estatal. A referida proposta regulatória assume os princípios neoliberais e do setor privado como orientadores de políticas e de administração das instituições públicas. Nesse sentido, a proposição adotada pela Reforma visou o estabelecimento de políticas econômicas que sustentam a centralidade do mercado e o enxugamento do aparelho do Estado, perspectiva essa que subsidia o gerencialismo do serviço público e uma mercadorização do processo de trabalho.

A educação superior também assume o ideário da Nova Gestão Pública. Além do aumento quantitativo de instituições privadas de Educação Superior e de sua concorrência mercadológica, Dardot e Laval (2016) afirmam que os dispositivos de controle contribuem para alterar a percepção das tarefas a serem cumpridas, valorizando ou desvalorizando determinados aspectos da atividade acadêmica, e para camuflar a dimensão ética e política do compromisso de professores-pesquisadores como uma profissão alicerçada sobre valores próprios.

Diante desse cenário, a avaliação do trabalho do professor-pesquisador recai sobre a produção do conhecimento enquanto mercadoria, na qual é valorizado o aspecto quantitativo da atividade acadêmica. O foco na produtividade, portanto, torna-se

estratégico para a entrada, manutenção e ascensão no campo acadêmico¹, no qual a pós-graduação se torna o espaço por excelência da racionalidade produtivista e da alienação do trabalho do professor-pesquisador (OLIVEIRA, 2016), que comumente vivencia em seu cotidiano a contradição entre o desejo de produção de conhecimento novo, consistente e transformador da realidade, e a busca pelo reconhecimento da comunidade científica e pelo financiamento das entidades estatais de fomento à pesquisa, que o direcionam a práticas cada vez mais ajustadas às formas e finalidades postas pela racionalidade neoliberal (TREIN; RODRIGUES, 2011).

Os desdobramentos do produtivismo acadêmico têm sido estudados nas últimas décadas por diferentes áreas do conhecimento. Entre as discussões levantadas, é comum a perspectiva de que o produtivismo é característico do ideário neoliberal, muitas vezes assumido enquanto forma de trabalho pelos professores-pesquisadores, intensificando o trabalho acadêmico e prejudicando o tempo de pesquisa, a qualidade da produção científica, as finalidades da ciência e a formação na educação superior. Ou seja, as pesquisas desenvolvidas analisam os mecanismos de controle e avaliação exercidos sobre as práticas de professores e estudantes, pouco investigando as especificidades de tais efeitos diante da diversidade de condições de produção e de resistência a tais pressões (FICO, 2015; DIAS, SERAFIM, 2015; SANTOS, 2019; SCHMIDT, 2011; SILVA, 2019; VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017).

As contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu evidenciam que as práticas sociais recebem influência exterior aos indivíduos, e a compreensão dessa influência se refere, em especial, à posição do agente em relação ao seu campo de atuação. O sociólogo propõe uma compreensão relacional que considera o espaço simbólico de disputa por posições presente no espaço social, ao articular posição social, disposição e tomadas de posição (BOURDIEU, 2005). Portanto, apesar do produtivismo acadêmico estar se fortalecendo nas universidades, sobretudo na pós-graduação, as práticas e representações dos agentes com relação a esse fenômeno variam de acordo com as suas posições no campo acadêmico.

¹ O emprego da noção de campo acadêmico, ao invés de campo científico, dá-se em consonância com Ana P. Hey (2008), que argumenta que no Brasil está mais presente a ideia de academia (de Platão), com cada área de conhecimento sendo uma espécie de sociedade de caráter científico próprio, mas com um ethos comum global.

Com o intuito de aprofundar essa discussão e propor uma análise relacional, este artigo tem como objetivo apresentar a contribuição da teoria bourdieusiana ao estudo da temática, a partir de uma pesquisa sobre os professores-pesquisadores dos programas de pós-graduação em sociologia e ciências sociais das universidades estaduais paulistas.

Para isso, iniciamos a discussão caracterizando as principais reflexões que têm sido feitas sobre o produtivismo acadêmico. Logo após, apresentamos a proposta metodológica da praxeologia de Pierre Bourdieu, destacando as suas contribuições para a análise da temática. Por fim, utilizamos a especificidade dos professores-pesquisadores desses programas para ilustrar a análise praxeológica bourdieusiana.

1 Os desdobramentos do produtivismo em diferentes áreas do conhecimento

Os mecanismos de avaliação são um meio de controle estatal sobre o trabalho acadêmico. Nicolau Netto (2019) esclarece que a aferição da formação acadêmica ofertada pelos programas de pós-graduação é realizada por meio da avaliação da produção intelectual dos professores-pesquisadores. A atribuição de notas aos programas de pós-graduação como subsídio para envio de recursos financeiros implica no fortalecimento do sistema avaliativo na produção intelectual. Além disso, o desenvolvimento da referida avaliação ocorreu por membros da comunidade acadêmica, legitimando a autoridade desse mecanismo e moldando a conduta dos professores-pesquisadores diante de sua produção intelectual (NICOLAU NETTO, 2019).

Os desdobramentos da política avaliativa sobre o trabalho acadêmico são investigados por diferentes áreas do conhecimento. A utilização da denominação “produtivismo acadêmico” tem sido adotada para compreender os efeitos do sistema avaliativo que privilegia a medição da produção científica a partir das publicações e citações. Nesse sentido, realizamos um levantamento bibliográfico na base de dados “SciELO”, em julho de 2020, para identificar o entendimento que diferentes áreas apresentam sobre esse modelo avaliativo. Com a palavra-chave “produtivismo acadêmico”, foram encontrados 28 artigos publicados no período de 2009 a 2019. Para este artigo, trouxemos as principais contribuições encontradas nas áreas da Educação e Ciências Sociais.

Na educação, o produtivismo acadêmico tem sido compreendido como uma doença no sistema de produção do conhecimento, ao intensificar procedimentos burocráticos no lugar da atividade acadêmica criativa (SANTOS, 2019). Há a preocupação com o desenvolvimento profissional docente, uma vez que a avaliação considera as atividades de pesquisa e exclui a formação didático-pedagógica de professores atuantes na graduação (VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017). Além disso, Streck (2016) indica que o produtivismo tem sido mais utilizado para engordar os currículos e as estatísticas das instituições do que para qualificar as pesquisas produzidas, ou seja, fomenta o aspecto econômico na produção do conhecimento em detrimento da qualidade e da ética nos trabalhos acadêmicos (VILAÇA; PALMA, 2015; KUHLMANN JUNIOR, 2015a; 2015b). Esse processo movimenta o mercado das publicações científicas (SILVA; PIRESA, 2014) e invoca uma performance midiática na qual o sucesso é medido pelo número de visualizações das produções acadêmicas (ZUIN; BIANCHETTI, 2015). Nesse cenário permeado pela lógica econômica, os professores-pesquisadores se preocupam em atender as metas, aumentando as suas horas de trabalho e se submetendo a uma utilidade alienante e pragmática (REGO, 2014; BIANCHETTI, 2010). Bianchetti e Valle (2014) afirmam que, apesar dessas condições de trabalho prejudicarem a qualidade das produções intelectuais e a vida institucional e pessoal, ainda não há uma resistência dos professores, mas uma conformidade e acomodação à política avaliativa. Portanto, Machado e Bianchetti (2011) chamam a atenção para o desafio dos professores-pesquisadores exercerem o seu poder e desenvolverem estratégias para garantir o controle do processo e dos resultados do seu trabalho.

As análises das ciências sociais abrangem o produtivismo em níveis governamental, institucional e individual, que impacta a produtividade, as condições de trabalho, a formação docente, o bem-estar do indivíduo, e provocam um conflito entre o ensino e a pesquisa (SILVA, 2019; FICO, 2015). Dias e Serafim (2015) ainda acrescentam que essa racionalidade neoliberal, na universidade, tem sido naturalizada com poucas discussões no meio acadêmico.

Constatamos, portanto, que o produtivismo acadêmico tem sido investigado por diferentes áreas do conhecimento e com maior abrangência nos últimos anos, já que dos 28 trabalhos encontrados, 21 foram publicados no período de 2014 a 2019. Também foi

visível que a maior parte dos trabalhos estão vinculados com a área da educação, com 11 trabalhos.

As reflexões identificadas trazem análises próximas em relação ao produtivismo. É possível sintetizar as contribuições das investigações ao considerar que o produtivismo é resultado de um modelo avaliativo, usado como um mecanismo de controle de um Estado neoliberal, que se impõe às atividades dos professores-pesquisadores e altera as práticas de pesquisa, prejudicando as condições de trabalho docente, a ética e princípios científicos, a formação acadêmica e a saúde dos agentes universitários. Apesar do reconhecimento dos danos acarretados por esse mecanismo de avaliação, há pouca discussão e engajamento coletivo para propor estratégias de resistência, pois tais atitudes poderiam prejudicar a própria representatividade do pesquisador na sua nova forma de produção intelectual.

Assim, consideramos que as pesquisas realizadas salientam que o produtivismo acadêmico exerce uma força impositiva sobre os professores-pesquisadores, os quais conformam os seus trabalhos para atender a exigências compulsórias. Para ampliar essa discussão, apresentamos a seguir as contribuições de Pierre Bourdieu que subsidiam uma proposta de análise relacional sobre o tema.

2 Praxeologia: a abordagem relacional bourdieusiana

A discussão epistemológica e metodológica promovida por Pierre Bourdieu tem como ponto central a superação da oposição entre os conhecimentos objetivista e fenomenológico, sendo a questão da mediação entre a sociedade e o agente social, ou entre o sujeito e a estrutura, uma das mais importantes na obra do autor. Enquanto o conhecimento fenomenológico explicita a experiência naturalizada do mundo social e sua apreensão como uma realidade indiscutível, o conhecimento objetivista constrói relações que estruturam tanto as práticas quanto as representações dos sujeitos, promovendo rupturas com aquele entendimento.

O conhecimento praxeológico busca relacionar o agente e a estrutura social, assumindo como objeto tanto as relações objetivas quanto as relações dialéticas entre elas e as condutas individuais que produzem, e que tendem a reproduzi-las (BOURDIEU, 1983). De acordo com Gabriel Peters (2013), o método analítico praxeológico recupera o

papel causal, na reprodução do mundo social, das representações subjetivas e habilidades práticas mobilizadas pelos indivíduos para a interpretação do mundo social, e investidas por eles para a produção de suas condutas. Estas representações e habilidades subjetivas variam sistematicamente conforme as condições objetivas, tanto enquanto contextos sociais e históricos, quanto através das diferentes posições ocupadas pelos indivíduos em um mesmo espaço social, pois estas exercem coações estruturais sobre as representações dos agentes. Assim, “pontos de vista” sobre o mundo social são sempre “vistas de um ponto” definido desse mundo (BOURDIEU; WACQUANT, 2008).

Por essa relação, as duas formas de investigação aparecem como momentos do método de pesquisa de Bourdieu, com o objetivo de captar a relação histórico-dialética existente entre a trajetória do indivíduo e a reprodução ou transformação histórica de estruturas coletivas, compreendidas em seu aspecto corporificado em práticas sociais. A realidade social não é percebida por Bourdieu, portanto, apenas como exterioridade ou interioridade, “[...] mas simultaneamente como exterioridade objetiva e interioridade subjetiva”, ou como “[...] exterioridade objetiva subjetivamente interiorizada e interioridade subjetiva objetivamente exteriorizada” (PETERS, 2013, p.53), de modo que a teoria da prática do autor tem como fundamento a tese de que existe uma inter-relação causal entre as propriedades objetivas e estruturais dos contextos sociais vivenciados pelos agentes e as suas matrizes de conduta, socialmente adquiridas, utilizando para se referir a estes dois polos de análise, respectivamente, os conceitos de campo, capital e *habitus*.

O conceito de *habitus* se refere à exteriorização de um processo de internalização das experiências dos indivíduos, o qual ocorre a partir da socialização que transmite determinadas categorias de pensar, ser e agir. Nesse sentido, as atitudes e o sistema de valores dos membros familiares ou de uma mesma posição de classe são interiorizados pelo indivíduo a ponto de orientar as suas aspirações, disposições e tomadas de decisão. A proposta de Bourdieu (1989) para o conceito de *habitus* é de se afastar da filosofia da consciência, sem anular a participação do agente nas suas ações. Bourdieu (2005) esclarece que utiliza o conceito para compreender o princípio gerador e unificador das características relacionais de uma posição social com um estilo de vida manifestado nas escolhas e práticas dos agentes. Da mesma forma que são produtos das posições sociais,

os *habitus* também são operadores de distinção ao colocar em prática princípios de diferenciação.

Quando o autor destaca o *habitus* como um princípio diferenciador significa que a ação do agente tem uma importância simbólica dentro de um determinado espaço social. Ou seja, um agente tem uma maneira específica de agir (a partir de seu repertório de categorias de percepção) que é colocada em prática de acordo com a sua posição e com suas representações em determinado espaço social. Contudo, como ressaltado por Maton (2018, p. 89), “Qualquer tentativa de explicar a prática utilizando apenas o *habitus* não é bourdieusiana”, pois a prática é resultado das relações do *habitus* com a circunstância social em que se encontra o agente.

Bourdieu (1989) propõe o conceito de campo para destacar a dimensão relacional do espaço social. Nesse sentido, a realidade social é compreendida como sendo formada por microcosmos com certa autonomia, nos quais e entre os quais se dão relações de luta por diferentes formas de poder, que envolvem disputas acerca da conservação ou transformação de seu modo de funcionamento. O campo é uma estrutura objetiva, que tem centralidade nas práticas dos agentes, sendo estes indivíduos ou instituições que se constituem como dominantes ou dominados, num dado momento, conforme a posse de um determinado bem material ou imaterial simbolicamente legitimado neste espaço social (BOURDIEU, 2004c).

Na proposta bourdieusiana, o bem legitimado no campo é compreendido a partir da ideia de “capitais”, no plural, por haver várias formas de propriedades distintivas em disputa nos diferentes campos (BOURDIEU, 2005). Assim, os capitais podem ser entendidos como uma espécie de recurso em uma relação de poder na qual o seu potencial é convertido como uma vantagem no campo. Ao usar a denominação “capital”, Bourdieu faz referência à dimensão econômica e monetária, ressaltando que o capital é usado como trunfo em uma lógica de troca. Contudo, o autor considera um sistema mais amplo de trocas no qual diferentes tipos de capitais são trocados e convertidos nas disputas dos campos e, também, entre diferentes campos (MOORE, 2018).

Esses três conceitos (*habitus*, campo e capital) são utilizados relacionalmente na perspectiva bourdieusiana para compreender a prática e o espaço social. Desde a incorporação de um capital que se torna parte de um *habitus* (BOURDIEU, 1998), até às

disputas do campo que são travadas a partir do *habitus* (MATON, 2018), que se tornam as bases para a própria estruturação do campo (BOURDIEU, 2004a). Ou seja, os três conceitos são interdependentes e recebem influência uns dos outros, assim como são inseparáveis das operações práticas de pesquisa, constituindo simultaneamente uma “teoria da prática” e uma “prática da teoria” (GRENFELL, 2018).

A sociologia relacional demanda a realização de processos metodológicos que visam à compreensão de três níveis diferentes, mas interligados, de análise, conforme Pierre Bourdieu e Loic Wacquant (2008): o primeiro passo é analisar a posição do objeto de pesquisa em relação ao campo do poder, que em última instância se refere ao poder político e ao governo; em seguida, a análise se volta para a topografia estrutural do próprio campo, ou seja, as relações entre as posições ocupadas pelos agentes (a partir de seus capitais) na disputa pela autoridade específica do campo; por fim, investigar os *habitus* dos agentes considerando sua formação, trajetória e posicionamento.

A análise relacional possibilita compreender os espaços sociais através da forma da distribuição de determinadas propriedades eficientes em um certo momento da história do campo, estando ligadas a indivíduos apresentados na pesquisa, não enquanto sujeitos empíricos, mas como agentes que existem apenas na rede de relações construídas através do trabalho de pesquisa (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu elabora o conjunto dos atributos que funcionam como capitais atuantes no campo e, com base nesse conjunto, desenvolve metodicamente um modelo objetivo do espaço das posições sociais dos agentes, permitindo a compreensão de suas diferentes práticas e representações, ao mesmo tempo em que as destitui de uma pretensão totalizante, posto o espaço das posturas simbólicas e o espaço das posições sociais serem independentes, mas homólogos (HARDY, 2018).

Desse modo,

Somos colocados diante de uma espécie de círculo hermenêutico: para construir o campo devemos identificar as formas específicas de capital que são eficientes nele, e para construir essas formas específicas de capital devemos conhecer a lógica específica do campo. (BOURDIEU; WACQUANT *apud* HARDY, p. 310)

É a partir dessas contribuições da teoria bourdieusiana que nos propomos a refletir relacionalmente sobre o produtivismo acadêmico. No próximo tópico, discutimos os elementos dessa proposta metodológica utilizando o caso de professores-pesquisadores dos programas de pós-graduação em sociologia e ciências sociais das universidades estaduais paulistas.

3. Cientistas sociais, pós-graduação e produtivismo acadêmico

Os impactos do produtivismo acadêmico são particularmente problemáticos para os cientistas sociais brasileiros, devido ao papel crucial da universidade pública na institucionalização das ciências sociais, e no reconhecimento e legitimidade atribuídos à profissão de sociólogo e a seu caráter intelectual no país.

A inserção, permanência e consolidação das ciências sociais no sistema nacional de pós-graduação e pesquisa, constituído durante o período militar, foram de fundamental importância para a manutenção do espaço institucional conquistado na primeira metade do século XX. Foi necessário apresentar respostas às exigências impostas pelas macropolíticas do regime, o que ocorreu através de estratégias de adaptação semelhantes às adotadas por outras disciplinas (DEL VECCHIO, 2013).

Gradativamente, a excelência acadêmica se tornou a principal ideologia profissional dos cientistas sociais e, aliada à tendência à burocratização, produziu um movimento simultâneo de afirmação da legitimidade da área e de submissão a influências e critérios externos (VELHO, 1984), constituindo-se sua atuação pública cada vez mais a partir de suas agendas especializadas de pesquisa e da atuação na universidade pública (PÉCAUT, 1990).

Seu crescimento institucional no país esteve atrelado à formação de um sistema nacional de ensino e pesquisa, de modo que não foi a reivindicação de atores sociais por uma ciência aberta à incorporação de suas demandas que levou à consolidação da área, mas o próprio mercado universitário (CARVALHO, 2007).

A opção pelo estudo de professores-pesquisadores dos programas de pós-graduação em ciências sociais das universidades estaduais paulistas – Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)² – deu-se por sua representatividade quanto ao peso institucional das exigências e normas que regulam este mercado, bem como pela diversidade de notas que apresentaram na última avaliação quadrienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³, que é emblemática quanto aos distintos constrangimentos e condições de enfrentamento detidos por cada programa e por seus integrantes.

Embora determinações externas ao campo acadêmico, permeadas pela lógica neoliberal, afetem os professores-pesquisadores, esta interferência não se dá diretamente, mas por meio da mediação das normas e forças específicas do campo, cuja capacidade de refratar tais determinações varia em proporção de sua autonomia relativa, tornando-o mais ou menos apto à determinação de uma lógica predominantemente interna (BOURDIEU; WACQUANT, 2008).

A ciência e o campo científico têm por base a crença coletiva em seus fundamentos, produzida pelo próprio campo, através dos mecanismos institucionais de seleção, formação e acesso dos pesquisadores aos instrumentos de pesquisa e publicação, instituindo um sistema de disposições que unem competência (capital científico incorporado) e libido científica (crença nos objetos em disputa, e na relevância da própria disputa) (BOURDIEU, 2011).

A conformidade a determinadas normas, fins, significações ou interesses raramente ocorre devido a uma imposição imperativa, realizando-se mediante a concordância entre o *habitus* dos agentes e os interesses que exprimem a lógica do campo, permitindo atos instintivos e semiconscientes de comportamento que produzam uma maximização da sua forma própria de lucro, que é inseparavelmente científica e social (BOURDIEU, 2005).

As estratégias dos agentes, construídas cotidianamente em sua prática, são guiadas pela estrutura do campo, constituída pelas relações de força que estabelecem entre si conforme o volume e a configuração do capital que possuem, e que determinam sua

² A USP possui um programa de pós-graduação em sociologia; a UNICAMP possui um programa em sociologia e um em ciências sociais; e a UNESP possui dois programas em ciências sociais, nos *campi* de Araraquara e Marília. Todos os programas possuem mestrado e doutorado.

³ Os programas de pós-graduação em sociologia da USP e UNICAMP possuem nota 6, e os programas de pós-graduação em ciências sociais da UNICAMP e UNESP têm nota 4, a menor possível para programas com doutorado (CAPES, 2017).

posição no campo. Assim, as opções quanto às formas e lugares de publicação, e as temáticas e objetos de pesquisa pelos quais se interessam, entre outras questões, são norteadas e circunscritas pelas possibilidades objetivas relativas a essa posição, bem como pela trajetória social que os conduziu a ela, e pelas disposições do *habitus* que compõe as categorias de percepção e as representações que possam ter acerca de sua posição e de seus concorrentes (BOURDIEU, 2004b).

Em seus estudos sobre a prática científica, Bourdieu (2004b; 2004c; 2011) identifica que na disputa pelo monopólio da autoridade científica constituem-se duas formas antagônicas de poder, referentes a duas espécies de capital científico. O poder temporal ou político, vinculado ao exercício de funções importantes em instituições científicas, tal como a direção de departamentos e a participação em comissões e comitês de avaliação, manifesta a dependência do campo científico com relação à lógica e aos princípios relativos ao campo do poder, e possibilita o acesso ao campo da política. O poder propriamente científico é adquirido em virtude das contribuições, reconhecidas pelos pares-concorrentes, ao progresso da ciência, fundando-se na autonomia da ordem científica e intelectual, permitindo a circulação do pesquisador no campo universitário mais amplo, nacional e internacional.

O autor demonstra que o peso relativo de cada uma dessas formas de poder varia de acordo com o campo, de modo que quanto maior a heteronomia, maior tende a ser a influência dos poderes não propriamente científicos na distribuição das posições dos agentes. Bourdieu assevera ser difícil a um mesmo indivíduo investir no acúmulo das duas espécies de capital, de modo que os pesquisadores podem ser caracterizados pelo peso relativo de seu capital “puro” e institucional (BOURDIEU, 2004c).

Não ocorre, portanto, a dominação unívoca de um preceito, mas a coexistência concorrencial entre diferentes princípios relativamente independentes de hierarquização, que são ao mesmo tempo complementares e concorrentes, e cuja determinação está em disputa pelos diferentes agentes e instituições. As propriedades que operam como atributos distintivos nessas lutas são simultaneamente alvos e recursos ativos, sendo necessário ao mapeamento da estrutura do campo a identificação das propriedades pertinentes a ele (BOURDIEU, 2011).

Ao tratar do campo acadêmico brasileiro, ao qual pertencem os professores-pesquisadores estudados, referimo-nos a todo um aparato institucional assegurado pelo Estado, envolvendo agências de financiamento à pesquisa, sobretudo a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo apoio é essencial à criação e permanência de associações de pós-graduação e pesquisa, produção de eventos e periódicos científicos, formação de grupos e centros de pesquisa, e estabelecimento de acordos institucionais nacionais e internacionais, com vistas ao intercâmbio científico (HEY, 2008).

A autoridade exercida no campo pelos critérios de classificação determinados por tais agências de fomento, expressos, entre outros, no documento de área da Capes (2019) e nos critérios de elegibilidade do CNPq para obtenção de bolsa de produtividade em pesquisa (2020), permite incorporá-los aos parâmetros de análise da distribuição das formas de capital científico no espaço. Assim, adotou-se o currículo lattes dos professores-pesquisadores como fonte de informações disponíveis para uso público, extraindo propriedades objetivamente mensuráveis.

Inicialmente procedeu-se ao levantamento de dados relacionados a todos os 144 professores-pesquisadores dos cinco programas de pós-graduação, tomando como referência os sites de cada programa e as informações disponíveis nos currículos lattes até o ano de 2020. Tais informações foram organizadas conforme os padrões da plataforma lattes, nas seguintes categorias: informações pessoais; formação acadêmica; atuação profissional; produção bibliográfica; e produção técnica. A partir dessa primeira sondagem e classificação obtivemos um panorama mais amplo acerca do conjunto dos professores-pesquisadores estudados, do qual apresentamos informações acerca da formação acadêmica.

O grupo de professores-pesquisadores é composto por 63 mulheres (44%) e 81 homens (66%), sendo que no programa de sociologia da USP há 34 professores-pesquisadores (22%), no programa de sociologia da UNICAMP há 22 (15%), no de ciências sociais da UNICAMP há 43 (28%), e nos programas de ciências sociais da UNESP há 21 (14%) na Faculdade de Ciências e Letras, em Araraquara, e 31 (21%) na Faculdade de Filosofia e Ciências, em Marília. Há seis professores que atuam em dois dos programas estudados.

Em relação à sua formação acadêmica, na graduação o curso mais frequentado foi o de ciências sociais (56,4%), seguido de história (8,3%), ciências políticas, direito e pedagogia (3,8% cada), filosofia (3,2%), psicologia (1,9%), administração pública, ciências econômicas, ecologia, jornalismo e sociologia (1,3% cada), administração de empresas, agronomia, antropologia, bachelor of arts, ciências antropológicas, ciências militares, engenharia mecânica, estatística, estudos sociais, formació d'actor, geografia, letras, medicina veterinária, scienze politiche, sociologia e política, e supervisão escolar (0,64% cada). Três pessoas não informaram seus dados sobre a graduação, e oito cursaram duas ou mais graduações.

A maioria dos cursos (94,6%) foi realizada no Brasil, sendo 62,7% deles nas universidades estaduais paulistas (USP - 55 cursos; UNICAMP - 19 cursos; e UNESP - 15 cursos), 22,5% em universidades particulares (com destaque para a Pontifícia Universidade Católica/PUC - 15 cursos) e 12 % em universidades federais. Há também uma graduação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e uma na Academia Militar das Agulhas Negras. Dentre aqueles que se graduaram fora do Brasil, há cursos na Argentina, Chile, Espanha, França, Itália, México, Nova Zelândia e Portugal.

No doutorado, a área de formação mais presente é a sociologia/sociologia política (29,2%) e ciências sociais (27,7%), seguida da antropologia/antropologia social/antropologia social e cultural (15,2%), ciência política (9%), história econômica/ciência econômica/economia aplicada/economia social e do trabalho (4,8%), história/história social (3,5%), educação (2,7%), filosofia (2%), geografia (1,4%), além de agronomia, direito, multimeios, psicologia social e sócio-economie du développement (0,7% cada).

O país em que foi realizada a maior parte dos doutorados (90,3%) é o Brasil, seguido da França (3,5%), Estados Unidos e Inglaterra (2% cada), México, Alemanha e Portugal (0,7% cada). Dentre as universidades brasileiras, novamente a USP se destaca, com 44,5% do total. Em seguida vem a UNICAMP (29,2%), UNESP e PUC (5,5% cada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de São Carlos e École des Hautes Études en Sciences Sociales (2% cada), e University of Cambridge (1,4%).

Dentre aqueles que cursaram o doutorado no Brasil, 18 pesquisadores (14%) fizeram doutorado sanduíche, com permanência na França (33,3%), Grã-Bretanha

(33,3%), Alemanha (11,1%), Suíça (5,5%), Canadá (5,5%), Estados Unidos (5,5%), e Itália (5,5%).

Dos 144 professores-pesquisadores, 107 (74%) realizaram pós-doutorado, sendo que 58% deles fizeram um estágio de pós-doutorado, 28% realizaram dois pós-doutorados, 7,5% três pós-doutorados, 2,8% possuem quatro pós-doutorados, e 0,9% têm cinco, seis, sete ou doze estágios de pós-doutorados. A maioria (33%) desses estágios foi desenvolvida no Brasil, seguido de Estados Unidos (20,7%), França (12,2%), Grã-Bretanha (11%), Espanha (6,7%), Itália (4,9%), Alemanha (4,3%), Portugal (2,4%), Argentina (1,9%), Canadá, México, Venezuela, Escócia e Nova Zelândia (0,6% cada).

Com base nesses dados é possível traçar algumas considerações relevantes sobre os professores-pesquisadores e a área de ciências sociais e sociologia. Evidencia-se em sua formação a centralidade da região sudeste, sobretudo do estado de São Paulo e da Universidade de São Paulo, em que a maioria deles cursou sua graduação e doutorado. A formação no exterior, que ocorre principalmente através do doutorado sanduíche ou do estágio de pós-doutorado, é direcionada às universidades europeias (em especial na França e Grã-Bretanha) e estadunidenses, havendo poucos intercâmbios com universidades latino-americanas ao longo dessa formação, e nenhum com universidades africanas e asiáticas.

Essas características são significativas quanto à constituição de determinadas disposições do *habitus* dos agentes, por relacionarem-se ao processo histórico de institucionalização dos cursos de graduação e pós-graduação no país, bem como à constituição das disciplinas que compõem a área de sociologia e ciências sociais, principalmente no estado de São Paulo (BOMENY; BIRMAN, 1991; CARDOSO, 1982; VILLAS BÔAS, 2007). Assim, a construção de um panorama mais geral a partir do estudo dos currículos lattes contribui para apreender como os atos científicos dos agentes resultam “[...] do encontro entre duas histórias, uma história incorporada na forma de disposições e uma história objetivada na própria estrutura do campo e em objetos técnicos (instrumentos), escritos, etc” (BOURDIEU, 2004b, p. 54).

Essa abordagem, todavia, não oferece por si só elementos que possibilitem compreender as especificidades de cada professor-pesquisador, sua trajetória e posse, em graus variados, dos diferentes capitais que os colocam em posições diversas uns em

relação aos outros no espaço social. Para isso, é necessário elaborar metodicamente o conjunto das propriedades que funcionam como poderes eficientes na luta interna ao campo acadêmico, o que foi feito partindo-se dos indicadores de capital apresentados por Bourdieu (2011), na obra *Homo academicus*, e empregados por Ana Paula Hey (2008) em seu estudo sobre o espaço de produção acadêmica sobre ensino superior no Brasil, e contextualizando-os para a pós-graduação em sociologia e ciências sociais.

Assim, chegou-se ao seguinte conjunto de indicadores⁴:

- Determinantes escolares: Graduação (curso, universidade, país, ano de conclusão); Doutorado (área de conhecimento, universidade, país, ano de conclusão, bolsa de estudos); Doutorado sanduíche (país, universidade); Pós-doutorado (quantidade; ano; bolsa de estudos); Livre-docência (universidade, ano).
- Capital de poder universitário: Instituições em que atua/atuou; ocupação de postos na universidade (pró-reitoria ou cargos em pró-reitoria, direção de faculdade ou instituto, coordenação ou vice coordenação de pós-graduação, coordenação ou vice coordenação de graduação, chefia de departamento).
- Capital de poder científico: Participação e liderança em grupos de pesquisa; assessoria à CAPES; assessoria a fundações de pesquisa estaduais; consultoria ao CNPq.
- Capital de prestígio científico: Consultoria científica no exterior; professor(a) visitante no exterior; bolsista de produtividade do CNPq.
- Capital de notoriedade intelectual: Participação em mesas-redondas; palestras e conferências em eventos científicos de sociedades e associações científicas e de pós-graduação.
- Capital de poder político: Diretoria de sociedades e associações científicas e de pós-graduação; cargos na CAPES e no CNPq; participação em comissões e comitês na CAPES, no CNPq ou em ministérios.

Com base nesses indicadores, torna-se possível a aplicação de métodos estatísticos capazes de evidenciar simultaneamente a estrutura das propriedades partilhadas e as diferenças individuais, relacionando-as às representações parciais dos

⁴ Os determinantes sociais das oportunidades de acesso às posições ocupadas, incorporados na análise bourdieusiana, não foram incluídos por não serem dados públicos no Brasil.

agentes (BOURDIEU, 2011). A ferramenta empregada para esse fim é a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), uma variante da análise geométrica que utiliza dados qualitativos para diferenciar os agentes e posicioná-los no plano cartesiano, permitindo a síntese quantitativa dos dados e sua disposição estrutural e relacional (KUGLER, 2018).

Trata-se de um método coerente com a concepção relacional, por oferecer elementos que colaboram com a visualização do posicionamento de agentes e propriedades sociais. As distâncias e proximidades entre eles relacionam-se a afinidades e distinções vinculadas a propriedades sociais, tais como a posse desigual de capitais, o que permite delinear perfis, agrupamentos e polarizações presentes nas disputas deste espaço social, relacionando-os às posições ocupadas e às tomadas de posição individuais (HEY, 2008; KUGLER, 2018).

Por meio dessa análise é possível avaliar o grau de autonomia do campo, pela análise da lógica de distribuição entre o poder político e o poder propriamente científico, que em campos científicos mais autônomos tende a compor nuvens de agentes situados em polos opostos da estrutura (BOURDIEU, 2004b). Com base em sua dispersão no espaço também podemos traçar o perfil sociológico dos agentes, identificando grupos, perfis ou *clusters* e analisando, relacionalmente, as posições dos agentes na estrutura (KLUGER, 2018).

Esses dados permitem, portanto, a compreensão praxeológica das práticas profissionais dos grupos, com informações mais detalhadas sobre sua produção bibliográfica, entendendo os artigos, capítulos e livros publicados como indicadores das estratégias adotadas pelos agentes, conforme a posição que ocupam no espaço, constituindo alicerces para a compreensão dos diferentes *habitus* e representações acerca do produtivismo acadêmico.

Desse modo, o embasamento teórico-metodológico da teoria bourdieusiana permite apreender a complexidade do universo pesquisado, compreendendo as especificidades históricas e institucionais da pós-graduação em sociologia e ciências sociais no Brasil e no estado de São Paulo; a diversidade de propriedades atuantes no espaço social como poderes eficientes nas disputas por autoridade científica, e sua distribuição desigual entre os agentes que participam dele; e a heterogeneidade de

estratégias mais ou menos conscientes em relação às pressões e constrangimentos por uma prática produtivista, que afetam de forma distinta os professores-pesquisadores.

Considerações finais

A proposta desse artigo visou aprofundar a discussão sobre o produtivismo acadêmico e propor uma análise relacional, utilizando a contribuição da teoria bourdieusiana, ao estudo da temática. O levantamento bibliográfico realizado permitiu identificar a compreensão de diferentes áreas do conhecimento, que consideram a imposição do modelo avaliativo que se sobrepõe ao trabalho acadêmico e precariza a produção científica. Contudo, a praxeologia proposta por Pierre Bourdieu permite considerar o aspecto relacional das práticas. Portanto, a adesão ao produtivismo é uma tomada de posição, produto de uma influência relacional entre *habitus*, capital e campo.

O estudo com os professores-pesquisadores de programas de pós-graduação paulistas de sociologia e ciências sociais, a partir das informações fornecidas nos currículos lattes, possibilita verificarmos indicadores que demonstram a estrutura das propriedades partilhadas e as diferenças individuais, relacionando-as às representações parciais dos agentes. Nesse sentido, a teoria bourdieusiana contribui para a compreensão sobre as distintas formas de adesão ao produtivismo acadêmico de acordo com as posições e disputas no campo científico.

Em sua obra, Bourdieu ressalta a importância de defender a autonomia dos campos científicos, sobretudo o da sociologia, sendo vital aos sociólogos conhecerem as determinações sociais que se imiscuem em seu trabalho, tomando como objeto o espaço social no interior do qual se definem, assim como a posição que nele ocupam, e empregando os instrumentos teóricos e metodológicos da disciplina contra si mesmos (BOURDIEU, 2011).

É preciso orientar o esforço de objetivação para as disposições e interesses relativos à sua trajetória e atuação, empregando a sociologia da sociologia não como uma especialidade dentre outras, mas como um pressuposto epistemológico a toda prática científica, a fim de construir coletivamente as condições sociais e procedimentos técnicos que permitam o controle dos fins sociais possivelmente latentes aos fins científicos explicitamente perseguidos (BOURDIEU, 1989).

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, Lucídio. O processo de Bolonha e a intensificação do trabalho na universidade: entrevista com Josep M. Blanch. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 110, p. 263-285, jan./mar. 2010. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000100014&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione Ribeiro. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 82, p. 89-110, jan./mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362014000100005&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

BIRMAN, Patrícia; BOMENY, Helena (orgs.). **As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Universitas Psychologica**, v. 12, n. 4, p. 1213-1235, dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-92672013000400018&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreiro Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004a.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004b.

_____. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Bárbara Catani. São Paulo: Ed. UNESP, 2004c.

_____. **Razões Práticas**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Paris, 2005.

_____. **Homo academicus**. Tradução de Ione R. Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2 ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

CARDOSO, Irene. **A universidade da comunhão paulista**: O projeto de criação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. **RBCS**, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 17-31, out. 2007.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO- CNPQ. **Chamada CNPq Nº 09/2020**: Bolsas de Produtividade em Pesquisa. Brasília, DF, 2020. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&idDivulgacao=9623&filtro=abertas&detalha=chamadaDetalhada&id=58-107-6827
Acesso em: 26 de junho de 2020.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Documento de área**: sociologia. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/SOCIOLOGIA.pdf Acesso em: 26 de junho de 2020.

_____. **Resultado da Avaliação Quadrienal 2017**. Disponível em: <http://avaliacaoquadrienal.capes.gov.br/resultado-da-avaliacao-quadrienal-2017-2>
Acesso em: 09 de maio de 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL VECCHIO, Angelo. (org.). **Ciências Humanas em debate**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

DIAS, Rafael; SERAFIM, Milena. Comentários sobre as transformações recentes na universidade pública brasileira. **Avaliação**, v. 20, n. 2, p. 335-351, jul. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000200335&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

FICO, Carlos. A pós-graduação em história: tendências e perspectivas da área. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, p. 1019-1031, jul./set. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000301019&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

GRENFELL, Michael. Metodologia. *In*: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 276-295.

HARDY, Cheryl. Espaço social. *In*: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 296-321.

HEY, Ana Paula. **Esboço de uma sociologia do campo acadêmico**: a educação superior no Brasil. São Carlos: EdUFSCAR, 2008.

KLUGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. **BIB**, São Paulo, n. 86, v. 2, 2018, p. 68-97.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Apresentação: Produtivismo acadêmico e qualidade da pesquisa. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 722-724, out./dez. 2015a. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400722&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

_____. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 838-855, out./dez. 2015b. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400838&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p. 244-254, mai./jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902011000300005&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

MATON, Karl. Habitus. In: GRENFELL, Michael. (org.) **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 73-94.

MICELI, Sergio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice/ IDESP, 1989.

MOORE, Rob. Capital. In: GRENFELL, Michael. (org.) **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p.136-154.

NICOLAU NETTO, Michel. As ciências sociais: entre a avaliação e a relevância. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 46, p. 213-232, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/12345#:~:text=Contudo%2C%20quanto%20mais%20hegem%C3%B4nico%20se,influenciar%C3%A3o%20outros%20campos%20de%20saber>. Acesso em: ago. 2020.

OLIVEIRA, Maísa Aparecida. **Os impactos do produtivismo acadêmico na formação do estudante da pós-graduação e o processo de produção de conhecimento científico**. 2016. 247f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PÉCAULT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PETERS, Gabriel. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **RBCS**, São Paulo, v. 28 n. 83, p. 47-71, out. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092013000300004&script=sci_arttext Acesso em: 30 de dezembro de 2014.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê políticas de educação superior: tendências e perspectivas
ISSN 1984-6576.

E-202148

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 325-346, abr./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000200003&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

SILVA, Anielson Barbosa da. Produtivismo acadêmico multinível: mercadoria performativa na pós-graduação em administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 5, p. 341-352, set-out 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902019000500341&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

SILVA, Mauricio Roberto da; PIRESA, Giovani de Lorenzi. Motrivivência, 25: registros de uma trajetória, perspectivas de continuidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 780-789, out./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892014000400780&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

SOUZA, Renato Santos de. Normose Acadêmica: como superar a ‘doença da normalidade’ na Universidade. **Avaliação** (Campinas), v. 24, n. 2, p. 451-474, jul. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772019000200451&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

STRECK, Danilo Romeu. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface** (Botucatu), v. 20, n. 58, p. 537-547, jul./set. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000300537&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O canto de sereia do produtivismo científico: o mal-estar na Academia e o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Universidade e Sociedade**. Distrito Federal ano XX, n. 47, fev. 2011, p. 122-132.

VELHO, Otávio. Processos sociais no Brasil pós-64: as Ciências Sociais. In: SORJ, Bernardo e ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. **Sociedade e Política no Brasil pós-64**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 240-261.

VILAÇA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 794-816, out./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400794&lang=pt Acesso em: jul. 2020

VILLAS BÔAS, Gláucia. **A vocação das ciências sociais no Brasil**: um estudo da sua produção em livros do acervo da Biblioteca Nacional, 1945-1966. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ORLANDO, Evelyn de Almeida; MEYER, Patrícia. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação e Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 231-247, jan. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000100231&lang=pt Acesso em: jul. 2020.

ZUIN, Antônio A. S.; BIANCHETTI; Lucídio. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 726-750, out./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400726&lang=pt Acesso em: jul. 2020.